

EDITORIAL

A relevância da agricultura camponesa se projeta positivamente em tempos de crise seja ela de natureza política, sanitária, social, econômica, cultural, alimentar, ecológica e/ou ética. De um lado o conjunto da sociedade brasileira vive a sensação de estar à deriva, e de outro, cientistas procuram e se ancoram na certeza de que estar propondo avaliações críticas pode ser o caminho de saída do emaranhado de informações descabidas que se oferecem como mercadoria de baixo custo e fácil assimilação. O conjunto de manifestações nesse nebuloso quadro se avoluma mostrando quanto vale ser independente do ponto de vista científico e tecnológico e quanto implica a autonomia na identidade de um país e dos seres humanos em busca de uma sociedade calcada na solidariedade. Entramos em velocidade de cruzeiro de convivência com os males do século XXI que se anunciam desafiadores e, cada vez mais, a *Revista Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento* reflete, como espelho cristalino, o momento e suas complexas determinações a exigir esforços de compreensão pela pesquisa comprometida com a descrição criteriosa e análise aguda dos dados recolhidos orientados por conceitos, corpus teórico e métodos adequados. Debruçados sobre problemas e questões pertinentes à organização da produção no mundo rural envolvendo territórios quilombolas e assentamentos de reforma agrária montados em disputas acirradas com o latifúndio e seus representantes e as contradições com seus principais beneficiários, os moradores das cidades, vilas e povoados, é que discentes, docentes e pesquisadores conscientes do seu papel de construtores de conhecimentos trilham caminhos que permitem maior lucidez na tomada de decisões por instituições públicas, entidades privadas e a sociedade civil organizada. Práticas produtivas respeitadas da natureza, baseadas na solidariedade entre moradores do campo e da cidade são o foco do dossiê “Alimentação escolar na América Latina: desafios contemporâneos”, que vem à luz para dar continuidade ao compromisso de manter esse público sob o foco da pesquisa e ações de desenvolvimento que possam vir a diminuir a penosidade de seu trabalho e da existência dessa categoria social histórica em todas as formas e regimes que existiram na face da Terra. Embora modesta contribuição, a RAF não se furtará de reafirmar a Agroecologia como princípio e alternativa ao modelo inspirado nas excludentes soluções propostas pelo Agronegócio, assim como dará visibilidade àqueles que combatem pleiteando terra como condição e bem fundamental para exercerem o seu trabalho, sua história, assim como alimentarem suas famílias e nelas terem o abrigo e a possibilidade de reprodução de seu *modus vivendi*. Seguimos vacinando nossos leitores contra a virulência

do pensamento conservador e arejando as reflexões sobre a relação mais saudável que possa existir entre as pessoas entre si e a natureza. Esperamos poder oferecer em breve outras doses desse imunizante! Excelente leitura!

Os Editores